

Haddad lidera em SP; Freixo Castro têm empate técnico no Rio

ELEIÇÕES 2022

EMPATE TÉCNICO

Largada da disputa no Rio tem Freixo com 22%, Castro marcando 18%, e 40% de 'não voto'

BERNARDO MELLO

Com índices elevados de brancos, nulos e indecisos e reproduzindo o embate nacional entre o presidente Jair Bolsonaro (PL) e o ex-presidente Lula (PT), pesquisa Datafolha divulgada ontem apontou o deputado federal Marcelo Freixo (PSB) e o governador do Rio, Cláudio Castro (PL), tecnicamente empatados na liderança da disputa pelo Palácio Guanabara. Freixo e Castro aparecem à frente dos demais pré-candidatos, com vantagem numérica para o parlamentar, nos dois cenários testados pelo instituto. Para especialistas, o levantamento também sugere que a força de uma "terceira via" fluminense passará pela influência de padrinhos políticos e pela capacidade de reduzir a fragmentação de candidaturas.

Freixo, que tem buscado se associar a Lula, chega a 22% das intenções de voto no cenário em que o Datafolha considerou as pré-candidaturas apresentadas oficialmente pelos partidos. Castro, que terá Bolsonaro em seu palanque, aparece com 18%. Como a margem de erro é de três pontos percentuais, para mais ou para menos, Freixo e Castro estão em situação de empate técnico.

O ex-prefeito de Niterói Rodrigo Neves (PDT), correligionário do presidente Ciro Gomes, chega a 7% nesse cenário. A dinâmica é similar à registrada pelo Datafolha na corrida presidencial, em março, com a liderança de Lula, seguido por Bolsonaro, e com Ciro oscilando entre 6% e 8%.

Na disputa fluminense, aparecem tecnicamente empatados com Neves os pré-candidatos Eduardo Serra (PCB), com 5%; Cyro Garcia (PSTU), com 4%; Felipe Santa Cruz (PSD), com 3%; e Paulo Ganime (Novo), com 2%. Santa Cruz, ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e apoiado pelo prefeito do Rio, Eduardo Paes (PSD), tenta viabilizar uma aliança com Neves. Segundo o Datafolha, qua-

tro em cada dez eleitores dizem votar em branco, nulo ou não quiseram responder. Há um rigoroso empate técnico entre Freixo e Castro, mas a maior parte dos eleitores não se posicionou. A indefinição é muito grande — apontou o cientista político Paulo Baía, professor da UFRJ.

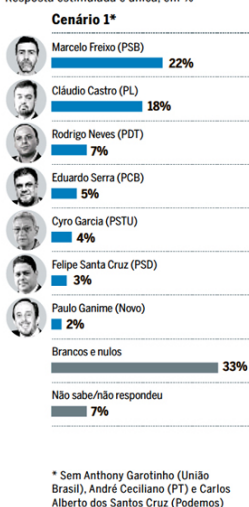
OBSTÁCULOSA CANDIDATURAS No cenário com outras três pré-candidaturas — do ex-governador Anthony Garotinho (União), do general da reserva Carlos Alberto dos Santos Cruz (Podemos) e do presidente da Assembleia do Rio, André Ceciliano (PT) —, que não foram encampadas formalmente por suas siglas, praticamente não se altera o percentual de eleitores que não declaram voto em ninguém. Nesse quadro, Freixo tem 18% e mantém quatro pontos de vantagem para Castro, que fica com 14%.

Garotinho, que se apresentou como pré-candidato pelo União Brasil, sigla que ainda costura uma aliança com Castro, registra 7% das intenções de voto. O ex-governador fica numericamente à frente de Neves, que oscila para 5%. Inelegível devido a condenações por improbidade de administrativa, na Justiça do Rio, e por cooptação de votos, na Justiça Eleitoral, Garotinho ainda busca soluções jurídicas para poder concorrer. Na análise de rejeição, ele é o mais citado: segundo o Datafolha, 49% dos entrevistados dizem não votar "de jeito nenhum" no ex-governador. Freixo, com 26%, e Castro, com 18%, aparecem mais atrás.

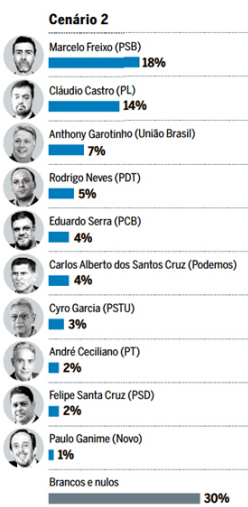
Santos Cruz foi sondado pelo Podemos para disputar o governo do Rio quando a sigla procurava montar palanques estaduais para uma candidatura do ex-juiz Sergio Moro à Presidência. Moro, porém, deixou o Podemos para se filiar ao União Brasil, que barrou a presença do ex-juiz na corrida ao Palácio do Planalto. Com isso, Santos Cruz manteve seu domicílio eleitoral no Distrito Federal, descartando de concorrer no Rio.

PESQUISA DATAFOLHA PARA GOVERNADOR

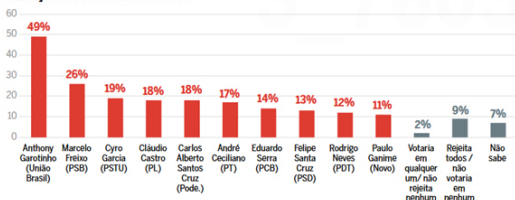
Resposta estimulada e única, em %



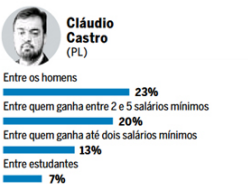
* Sem Anthony Garotinho (União Brasil), André Ceciliano (PT) e Carlos Alberto dos Santos Cruz (Podemos)



REJEIÇÃO DOS PRÉ-CANDIDATOS



RECORDES POR SEGMENTO



Fonte: Pesquisa Datafolha presencial, realizada com 1.238 pessoas com 16 anos ou mais entre os dias 5 a 7 de abril. A margem de erro máxima é de três pontos percentuais para mais ou para menos. Editoria de Arte

ANÁLISE

Xadrez de Paes emperra definição de nome da aliança entre PSD e PDT

THIAGO PRADO

Falta apenas um movimento para consolidar a lista de candidatos a governador do Rio, e ele foi postergado novamente ontem pelo maior protagonista da cena política fluminense. O prefeito Eduardo Paes (PSD) se reuniu com o presidente do PDT, Carlos Lupi, em mais um encontro em que não houve definição se o candida-

to da aliança anunciada em fevereiro será o ex-prefeito de Niterói Rodrigo Neves, ou o ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) Felipe Santa Cruz (PSD). Na pesquisa Datafolha, ambos estão com números muito abaixo do pelotão liderado pelo deputado federal Marcelo Freixo (PSB) e pelo governador Cláudio

Castro (PL). Neves e Santa Cruz chegam ao ponto de, somados, ficarem praticamente empatados com a inusitada dupla Eduardo Serra (PCB) e Cyro Garcia (PSTU) — provavelmente beneficiados, ressalte-se, por uma confusão do eleitor com nomes relevantes da política nacional como José Serra e Ciro Gomes.

Neves vem tentando convencer Paes a pensar no Planalto em 2026 ao invés do Palácio Guanabara. O discurso é de que, caso derrotado contra Lula e Jair Bolsonaro, Ciro Gomes não disputaria mais o mesmo cargo pela quinta vez daqui a quatro

anos, e que o prefeito poderia ser o elo de uma aliança mais duradoura entre PDT e PSD.

O problema é que o ex-prefeito de Niterói não é do seu círculo restrito de confiança, e uma vitória sua o impediria de ser governador, hipótese que Paes ainda acha mais plausível do que um voo para Brasília já na próxima eleição. No seu grupo político, é difícil encontrar quem acredite quando Neves afirma não ser candidato à reeleição se o prefeito quiser.

Caso opte realmente por Santa Cruz, haverá outras questões para Paes administrar. O advogado está disposto a partir para o sacrifício e

ser candidato a governador com status de azarão. Se perder, contudo, espera ser considerado para o posto de vice de Paes em 2024, posição cobiçada pelo deputado federal Pedro Paulo Carvalho devido à expectativa da saída do prefeito na metade do eventual quarto mandato. Na silenciosa corrida pelo posto de quem vai ser o herdeiro de Paes em dois anos, movimentou-se ainda o ex-secretário municipal de São-de Daniel Soranz, pré-candidato a deputado federal com potencial de angariar votos em redutos semelhantes aos de Pedro Paulo.

Na conjuntura nacional, a

Ceciliano, que registra 2% das intenções de voto, tentou articular uma candidatura ao governo pelo PT, mas Lula garantiu apoio a Freixo e desloçou o correligionário para concorrer ao Senado.

O cientista político Ricardo Ismael, da PUC-Rio, lembra que as duas últimas eleições ao governo do Rio foram marcadas por reviravoltas no primeiro turno em meio a índices elevados de abstenção e de votos brancos e nulos. Em 2014, Garotinho chegou a liderar as pesquisas, mas desistiu da reta final, foi alcançado por Marcelo Crivella (Republicanos) a poucos dias da votação e acabou fora do segundo turno, na eleição vencida por Luiz Fernando Pezão (MDB). Em 2018, impulsionado pelo eleitor bolsorista, Wilson Witzel (PSC) saiu das últimas posições para liderar a apuração em um intervalo de duas semanas. Nas duas ocasiões, cerca de 40% dos eleitores fluminenses não votaram em ninguém.

Para o especialista, embora a dianteira de Freixo e Castro emule a disputa entre Lula e Bolsonaro, a desmobilização do eleitorado e a eventual transferência de votos de padrinhos locais, como Paes, deixam o cenário do Rio mais aberto a uma "terceira via".

— No momento atual, o eleitor mais pobre, que é capaz de decidir a eleição, parece mais desmobilizado. É preciso seguir os movimentos de Paes, tentando articular essa "terceira via" ao mesmo tempo em que transita com Lula. Neves e Santa Cruz ainda têm uma recepção restrita, juntos chegam a 10%. Se ficarem separados, a situação é mais difícil — disse Ismael.

De acordo com o Datafolha, Freixo alcança seu melhor desempenho, 39%, entre eleitores mais ricos, com renda superior a dez salários mínimos. Este também é o estrato em que tem sua maior rejeição: 37%. Castro tem 20% na faixa de renda intermediária, de dois a cinco salários mínimos. Nesse grupo, registra uma rejeição de 27%, acima de sua média.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Política **Página:** 4